

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINIDADE
Oficinas de Impressão e Estriptiopia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2328

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 mes-
ses 2850; África Portuguesa, 6 meses
66\$00; Estrangeiro, 6 meses 10280
PAGAMENTO ADIANTADO

DOMINGO, 4 DE JULHO DE 1925

INQUILINOS E SENHORIOS

Se a lei do inquilinato fôr alterada só o deverá ser para acautelar os interesses dos inquilinos e criar personalidade jurídica aos hóspedes

A lei 1662, que regula os contratos de aluguer das habitações, foi sempre um óbice aos desejos dos senhorios lusitanos. O seu autor, dr. sr. Catanho de Menezes, muralhando-a de defesas que permitiram aos inquilinos uma existência tranquila, forçou os proprietários dos prédios urbanos a um movimento de reacção, cujo único fim era inutilizar o pensamento liberal da referida lei.

Em todas as situações políticas o golpe tem sido ensaiado, uma vez que no Parlamento ele não surtiu os efeitos esperados.

Como nunca foi possível esse triste «desideratum», os senhorios com uma persistência de revolucionários continuam na sua obra, procurando submeter os inquilinos às suas ambições, mesmo que para isso lhe tenham que roubar a camisa.

Assim se explica porque há dias começou correndo que a nova lei do inquilinato ia ser alterada em sentido pouco favorável aos inquilinos.

Não sabemos quais são as intenções do actual titular da pasta da Justiça. Parece-nos, porém, que o dr. sr. Manuel Rodrigues Junior nunca poderá alterar a lei do inquilinato lançando na miséria os pobres inquilinos já agora esbulhados de todos os direitos, excepto o de não poderem ser expulsos das suas habitações quando cumpram os seus contratos de aluguer.

Depois não nos parece também que os senhorios vivam uma pobreza tal que seja mister elevar as rendas de casas para os livrar da morte certa.

O coiciente 2,5 aplicado ultimamente às «rendas» das habitações é suficientíssimo para as exigências de conservação das propriedades urbanas. O rendimento proporcionado por esse coiciente também é suficientíssimo para os senhorios viverem, e viverem à barba longa.

Se houvesse alterações a fazer à lei do inquilinato elas deveriam ser no sentido de dar personalidade jurídica aos pobres hóspedes, hoje mais explorados do que os inquilinos.

Os hóspedes são hoje os mais sacrificados de todos. A lei para eles não consigna a mais leve regalia. A dado momento, e sempre que as ambições do inquilino — que é neste caso o senhorio — o determinem, o hóspede vai para o meio da rua sem que lhe reste um recurso. Para o hóspede não há direitos; há apenas o dever de pagar a renda.

Se a lei fôr modificada no sentido de acautelar os interesses desta legião, o povo receberá há com agrado. De contrário nada haverá feito e os protestos brotarão como os cogumelos nos campos.

Embora a lei não tenha sido alterada e a seu respeito apenas corram diversas versões, os senhorios começam já lançando mãos dos mais variados recursos só para elevarem as rendas das casas. Um desses recursos é tão revoltante que nos leva a dedicar-lhe duas linhas. Eis-lo.

Para conseguirem o desalojamento de uma casa, alguns senhorios convencem os seus inquilinos a cederem por trespassar as suas habitações. Feito o trespasso de 10 contos o inquilino abandona a casa e o senhorio aluga-a por trespasso, exigindo pela chave a importância de 20 contos.

A renda dessa casa, que para o primeiro inquilino era de 200\$00, passa a ser para o segundo de 500\$00. Como o leitor vê é um rendoso negócio que não deixa de ser tentador.

Devido a esse facto as rendas de casas elevam-se a pouco e pouco, não havendo dinheiro que chegue para pagar um reles tugúrio.

Ora era para estes casos que o legislador devia olhar e não para os interesses dos senhorios, que não são os interesses da população.

Notas & Comentários

A peregrina do Novo Mundo

Ferreira de Castro, que os nossos leitores conhecem pela sua larga e valiosa colaboração dispensada a este jornal, ao seu Suplemento semanal e à Renovação, acaba de ver editado um dos seus trabalhos de maior fôlego: «A Peregrina do Novo Mundo». Ferreira de Castro é um novo — mas é já um escritor feito, que na novela, no conto e na crônica revela explêndidas e exuberantes qualidades literárias. Pertence ao pequeno mas brilhante grupo dos que, nas letras, se batem contra o espírito reacionário opondo-lhe as ideias modernas que há de renovar o mundo e redimir os homens.

Desvenda-se o mistério

Ora, em Portugal, não se conhecia o motivo impessoal que animava a massa censória. Toda a gente se interrogava, mas nenhuma resposta nunca vinha. E pensou-se, então, numa viagem ao Egito por historiadores, cosmógrafos, sismógrafos, demógrafos, etc. Os sábios falariam com as pirâmides, a fim de arrancar o segredo da censura, que se perde na tradição dos séculos. Voltaram a expedição, sem um único êxito. E vai a llavas, muito a propósito, descobrir o misterioso motivo, no seguinte telegrama de Managua, capital de Nicarágua: «Guatemala e São Salvador estabeleceram a censura às informações emanadas dos seus respectivos territórios». Guatemala e São Salvador são duas insignificantes repúblicas da América Central, governadas por generais valentes e irreverentes.

Doença absurda

Escrive-nos o sr. Martins Santarém uma longa carta que, magrada as dezenas de opiniões nela baralhadas, em nada altera o que temos aqui dissemos. Acusámos-o de ter atacado um vencido político que lhe trouxe um emprego que tinha nos Bairros Sociais, num jornal que pertence aos triunfadores da hora. Isto não destrói o sr. Santarém — o resto não tem importância, visto que de mais nada se trata.

Diz ainda na sua carta que nunca foi apoiado pelo 14 de Maio. Mente e mente descardadamente. A última vez que, refunde-se no 14 de Maio, o classificou «de movimento heróico do povo de Lisboa» foi numa sessão contra o fascismo, efectuada no Sindicato dos Alfaiates, realizada ainda há poucos meses. E sobre isso as testemunhas sobejam.

A nova lei da imprensa

Foi ontem para o Diário do Governo a nova lei da imprensa. Publicá-la-hemos no nosso número seguinte, para depois a apresentarmos detidamente.

A Pérsia vulcanizada

TEHERAN, 3 — A guarnição de Salmas revoltou-se, matou o comandante e entregou-se à pilhagem em Maku, na fronteira turco-persa. Na província de Kahrasan, estalam em vários pontos revoltas idênticas.

Terrorismo contra as organizações operárias de Colombia

O «bureau» central da Federação Pan-American da trabalho em Washington, recebeu notícias de que reina um estado de terror contra todas as organizações operárias de Colombia.

Por causa da recente greve da carris de ferro de Bogotá muitos dos mais conhecidos militantes do movimento operário foram encarcerados sem nenhuma causa justificativa. A polícia tem levado a cabo assaltos às sedes sindicais e aos registos das moradas, sem nenhuma consideração pelas garantias constitucionais ou individuais.

O Comité Nacional da Confederação de Trabalhadores pede que se tornem públicos os atropelos e as tentativas dos governantes para furar as greves e aniquilar as organizações operárias.

Hardis morrendo de fome

Quando tu, leitor, desansas na tua alcova das jaulas de um dia de insano traballo

O PATRIOTISMO DE ALGUNS CAVALHEIROS

Enquanto em Portugal os operários lutam com uma grande crise de trabalho algumas empresas mandam proceder no estrangeiro à execução de vários trabalhos

A crise de trabalho tem, como mais de uma vez temos salientado, as suas causas particulares na valorização do escudo e no retrairoimento dos capitais. Há outras causas militando em favor dessa crise que de uma maneira decisiva contribuem para que milhares e milhares de braços estejam no in-labor, milhares e milhares de famílias atra-vessam a mais negra e triste das situações. Uma dessas causas é, incontestavelmente, o não aproveitamento dos braços desocupados, extrangeiros, onde são executados uns e reparações outros.

Isto é: o Estado, podendo empregar em alguns dos seus trabalhos os «chômeurs» que nascem e vivem no país de Viriato, faz desvirar alguns dos seus trabalhos para o estrangeiro, onde são executados uns e reparações outros.

O que se dá com o Estado, dá-se igualmente com algumas empresas particulares.

Para o estrangeiro têm sido enviados alguns trabalhos para serem reparados pelos operários dessas nacionalidades.

Não temos o direito de obstar a que esses nossos irmãos de infarto executem o trabalho que lhes apresentem. Sabemos que outros países a crise é igualmente aguda, e esse é um dos motivos que nos leva a respeitar o direito à vida desses trabalhadores.

O que dão podemos admitir é que esses singelos patriotas, que blasfemam patriotsmo e exteriorizam químéricas manifestações de nacionalidade, sempre que as suas ambições o ditem esqueçam que em Portugal há milhares de esfomeados que durante muitos anos foram o seu principal sustentáculo e que hoje, mercê da crise de trabalho, se debatem numa afilhita situação.

No número desses singelos patriotas encontram-se os dirigentes da Companhia Nacional de Navegação. Porquê?

Expliquemos o caso. Há tempos aquela empresa ordenou que o vapor «Niassa» fosse a reparar ao es-

trangeiro. Assim se fez e passados alguns dias o «Niassa» regressou a Lisboa. Porém, quando entrou no Tejo verificou-se que o barco precisava de nova reparação para navegar. Não houve outro recurso senão proceder a essa reparação que constou do seguinte: encalcar novamente os rebites das caldeiras, mandar o tubular das caldeiras, encalcar as bainhas dessas caldeiras e reparar os aparelhos do nível.

Esta reparação levou 13 dias a executar e foram seis autos muito discretamente, os praticantes de maquinistas, porque assim convinha ao 1.º e 2.º maquinistas.

No caso do «Niassa» houve um duplo atentado ao direito de existência dos operários metalúrgicos.

Por parte da Companhia Nacional de Navegação houve um atentado à existência dessa legião de «chômeurs», porque se foi o estrangeiro reparar um barco quando em Portugal existiam milhares de desempregados, tanto ou mais competentes do que os operários estrangeiros.

Houve um atentado ao direito de vida dos metalúrgicos em crise por parte dos praticantes de maquinista que fizeram a reparação do «Niassa».

Se o gesto da Companhia Nacional de Navegação merece a nossa repulsa a atitude dos praticantes de maquinistas, pressando-se ao triste papel de invadir atribuições doutrinárias, não é digna dos nossos aplausos porque só beneficiou uma empresa que tem tanto respeito pela vida dos seus operários, como o carrasco pela vida do condenado.

Mas o que se deu com o «Niassa» não é virgem. Outras empresas têm procedido de igual forma, como que a demonstrarem que a lenda do patriotismo nem é acreditada por aqueles que jerarquicamente se esfalam em exaltação.

Expliquemos o caso.

Há tempos aquela empresa ordenou que o vapor «Niassa» fosse a reparar ao es-

PARALELOS DIVERSOS ENTRE DUAS ÉPOCAS DISTANTES

Continuamos entalados neste labirinto político para onde nos estatelou a decantada revolução nacional. Ainda não deixou vibrar nos nossos tímpanos feridos, o incômodo estribilho da Restauração, trauteado, fastidiosamente, do fundo dumas das lóbregas ruelas da emaranhado militarista, pelos nédios cavaleiros do Serviço d'El Rey...

A incerteza, que a pouca decisão das forças revolucionárias da situação filomena espremia por-de-sobre a estuante anciade de um retorno ao Passado, veio tornar mais anádipa a segurança que põe em fogo essas gargantas ávidas do sangue de quem quer se livrar.

E é preciso, senhores militares que bateis as catanas políticas pelos escambarinhos misteriosos do Terreiro do Paço, que malheiros, com as coroas das espingardas da ordem, à cabeça da nação, para que ela acorde e seja empurrada para o trabalho, para o equilíbrio, para a estabilidade, para o ideal antigo da crença, da fé, da morigeração de costumes, de tranquilidade nos espíritos e nas consciências — para o scute da Família, o culto da Pátria, o culto de Deus...

Não deixes, porém, que qualquer Augusto Barber marquem «com ferro em braço o culto do sangue e o tráfico da consciência — porque é indispensável um sabre flamejante, qual o do Anjo da Guarda...», realizata, que corte e incendeia tudo quanto não for feição monacal...

Quer-se uma espada acuteladora, mas não «securitórica» da «natureza» das cromelianas: essa seria contraprodutiva aos designios ultramontanos dos fascistas portugueses. Venha uma espada que tenha pouco do do general Martinez de Campos, porque essa ainda veia dor, no reinado do pai do actual tarado amigo de Rivera, a uma política um nadinha liberal — mas que tenha mais possivel da napoleónica, a fim de que, após uma espécie de vassourada soldadesca à laia de um 18 de brumário, ninguém possa fugir nem-mugir, a não ser para se pedir perdão em voz baixa e com as mãos eretas para o céu da tirania, ou para se cantar um «Te Deum» em voz alta... em rezacismo de graças pela massacragedo do liberalismo...

Que diabo! Aproveitemos as lições da história, no que ela tem de mais útil: Bonaparte, depois de cada vitória inútil, regressava à França, «para o pôr no devido tom... e para suprimir uma liberdade...». Quanto à abdicação de Fontainebleau forçada pelo marechal Ney e à célebre ilha de Santa Helena para onde foi deportado Napoleão, nesses desaires não se deve falar para não estarcir os impetos lugubres dos nossos conservadores «carmoneiros...»

Para a frente é que é o caminho — não nos importando que possamos ouvir o anacálico grito das turbas amantes da liberdade: «Vós, astéas a guerra; o sangue derramado cairá sobre a vossa cabeça...»

Depois das vitórias inúteis de Flandres e da África, os nossos comandantes, personificados no nosso general, devem, uma vez regressados a Portugal, «pôr no devido tom, arrumando-lhe a casa para que nela possa magnificamente instalar-se a sr. D. Reacção realísticamente religiosa-militar...

E para maior arejamento e enfeitamento do palácio português debrucado galhardamente sobre a margem do azulado marinho oceânico — deve-se colocar no vaso da nossa nacionalidade retorcida pela fradilhagem integralista, o vergonhoso mangericão da histórica ditadura miguelista... Que dessa planta cresçam, vicejantes, as folhas do cacto, para o deserto, do confisco, da fôrça para o equilíbrio, para a estabilidade, para o ideal antigo da crença, da fé, da morigeração de costumes, da tranquilidade dos espíritos e das consciências... arremessarem, como nos tempos do governo integralista do miguelismo: — para os esbaforidos dos esconderijos, dezenas de milhares de pessoas; para a escambarição de bens a favor da coroa ditatorial, de mais de oitenta mil pessoas; para o inquisitorial enfarrado, mais de quarenta vítimas — pena de morte, aliás, que não obstou a Revolução liberal, que já malha a evitará...»

E para que os jornais desafectos ao odor pestilento da opressão decorrente, não contestem as aromáticas belezas do mangericão nacional que puluzeram «na casinha...» da arumarria, urgente se torna que, entre as décimas-carlistas ordonaças, se promulgue uma tendente a suprimir, cerce, a liberdade de imprensa.

Já não estamos no seculo de Vitor Hugo. E' verdade que o espírito idealístico, humano, progressivo, perfectibilista, emancipador — ficou a germinar, para arrelia dos que querem ingerir as cinzas do passado, no cérebro dos povos oprimidos. Mas a manchar, a história brilhante da França, com um escarro de sangue e com o lodo da traição e da covarde e vergonhosa entrega aos prussianos — que se vão alastrando à medida que se vai aprofundando o carácter do biltre — ficou também a memória do Grande Pigmie de Sédan... não dentro da História, Panteón grande de maias para tão «bandido nocturno», mas «cravado na porta...»

Que haja, da Revolução, um jornal Nacional, da restauração da dinastia portuguesa, vá. Mas que, entre nós, apareça um jornal, uma espécie de Nacional francês, como a Batalha, a protestar contra as claras ordonaças do ministério do interior e da romântica censura que era calca a imprensa — isso é que não é admissível: perigam as instituições da Cruzada de Nón Alvarés...

E se, depois da destruição dos prelos dos jornais o Nacional e o Tempo da nossa oposição à tirania militarista; se depois de quebrado o abutismo lamentável dos nossos jornalistas, se terem pronunciado os nossos Armando Carrel, Mignet, Pedro Leroux, Evaristo Dumoulin, Aleixo de Jussieu, etc., — surgir o é demasiado tarde para reparar os êrmos com a «abrogação das detestadas ordonaças» e com a demissão do nosso Polignac, restando-nos o caminho fugitivo por via de Cherburgo — temos ainda a eleição, a «cobia», o egoísmo, a venalidade, a corrupção» de Luís Filipe...

E se, depois da destruição dos prelos dos jornais o Nacional e o Tempo da nossa oposição à tirania militarista; se depois de quebrado o abutismo lamentável dos nossos jornalistas, se terem pronunciado os nossos Armando Carrel, Mignet, Pedro Leroux, Evaristo Dumoulin, Aleixo de Jussieu

O 12.º Congresso do Partido Socialista iniciou ontem os seus trabalhos

As sessões ontem realizadas decorreram com calma, tendo sido aprovados vários relatórios

Inaugurou ontem, pelas 21,30, os seus trabalhos, no Centro Socialista de Lisboa, o 12.º congresso do Partido Socialista Português.

O sr. Alfredo Franco abriu num sóbrio discurso o congresso, sendo logo a seguir suspensos os trabalhos, a fim de uma comissão revisora de mandatos que era composta pelos srs. José de Oliveira Pinto, Abílio Jerónimo e Reinaldo Vilas elaborar o seu parecer. Em menos duma hora a comissão deu conta do seu relatório aprovando todos os mandatos. Estavam representados 60 organismos partidários e 2 jornais por 140 delegados.

Aprovado o regulamento do congresso, sem discussão, foram eleitas as comissões de pareceres e de votos sendo nomeado para a primeira o sr. Augusto Dias da Silva, Fernandes Alves e Oliveira Pinto e para a segunda o sr. Alfredo Franco, M. Santareno e Porfirio Freitas.

Entre-sa a seguir na 1.ª sessão do congresso, sob a presidência do sr. José de Almeida secretariado pelos srs. Mariano Pereira e Augusto M. da Silva.

O presidente saúda em breves palavras os congressistas, os socialistas de todo o mundo e as classes trabalhadoras que comunguem não nas ideias socialistas.

O dr. sr. Ramada Curto procede à leitura do relatório da junta directiva do partido. É um documento, mas muito sintético e expressivo. Relata-se nele a inanidade dos esforços feitos no sentido do partido viver e não querem organizar-se para a ação política. Dispõe depois sobre a pequena burguesia algumas granadas certeiras acerca do seu egoísmo estreito e da sua falta de fusilaria...

O orador, perdão o relatório, faz um bombardeamento sobre os operários que vão atraç de qualquer pantomimico político e não querem organizar-se para a ação política. Dispõe depois sobre a pequena burguesia algumas granadas certeiras acerca do seu egoísmo estreito e da sua falta de fusilaria...

Alude à união dos elementos sociais feita para combater o 18 de abril e que se desvolveu no dia seguinte ao do esmagamento daquela revolução.

Recorda a eleição dos deputados socialistas auxiliada pelo partido democrático, afirmindo que os representantes socialis-

PREGUIÇA

Preguiça aprendeu costura,
Mas sempre que costurava
Só para não pôr dedal
Sempre seis dedos picava.

A preguiça, muito a custo,
Faz a cama e se deitou;
Para não mais a fazer,
Nunca mais se levantou.

A preguiça e o desmazelado
Juntaram-se em casamento,
Levando os dois um bom dote,
Uma mão cheia de vento.

A preguiça tem dois filhos,
Oh! que santa geração!
A mais velha, dona fome.
O mais novo, dom ladrão!

A. Correia de OLIVEIRA

Queixas e reclamações

Funcionários públicos

Um grupo de funcionários do Congresso da República procurou ontem o ministro das Finanças para reclamar contra o decreto que lhes reduz os vencimentos, equiparando-os aos dos funcionários dos ministérios.

Uma grande comissão de funcionários do ministério das Colónias, foi ontem recebida pelo respectivo ministro, a qual solicitou a sua interferência para que se sobreasse na medida anunciada relativamente à extinção das categorias de chefes de secção.

O ministro respondeu estar disposto a contribuir para que se faça justiça, acrescentando que está já estudando uma nova reorganização do ministério, para o que possam os necessários elementos, na qual se tomarão as provisões mais conducentes aos interesses do serviço público e dos funcionários.

Uma conspiração comunista em Itália?

ROMA, 3.—Foi descoberta uma conspiração de propaganda comunista.

Devido às investigações policiais foi efectuada uma busca na residência do deputado Molinelli, sendo descobertos documentos pelos quais se apurou que a despesa mensal da propaganda comunista se elevava a 50 milhões de liras.

As autoridades investigam agora a proveniência do dinheiro, tendo já efectuado várias prisões.—L.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Niassa» são hoje expedidas malas postais para a Madeira e África Ocidental, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência ordinária às 13 horas e para a registraçā se atende às 10 horas.

Pelo paquete «Oransia» também se expedem malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, efectuando-se a última tiragem às 8 horas da manhã.

TEATRO AVENIDA

Telef. N. 4355

A SENSACIONAL PEÇA

O Dr. da Mula Ruça

Hoje, às 21.30

12 números de música 12

Orquestra Jazz-Band

Hoje, às 21.30

<p

LIMAS NACIONAIS



50 e grande fábrica
de organizações
dado lugar a 413
cinda hojas co-
sumam em Porta-
guese limas extra-
vistas visto que
os limas marca
Touring da En-
tidade com a maior
experiência, nota-se
que os 413 limas que
entram na fábrica
só entram de ferragens para

MARCAS REGISTADAS
União Fábrica, Ltd., realizada em 1923
com a maior
experiência, nota-se
que os 413 limas que
entram na fábrica
só entram de ferragens para

Mensruação

Aparece rápidamente seja qual
for a causa tomado o

FERREÓL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%!

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora...
Sapatos em verniz...
Botes pretos (grande salão)...
Botes brancos (salão)...
Grande saldo de botas pretas...
Lojas de cós para homens...

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a sua casa.
Ver bem, pois só lá encontra bons botas.

A Social Operaria é marcas dos Cavaleiros,

18-20, com fábrica na mesma rua, n.º 45.

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sorteiro em chapéus, lises e mes-
clas em cores lindíssimas, formados
dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda e
FLAMÃO

Chapeu mole, no modelo americano muito
elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fer-
nandes da Fonseca, 25, 1º

— ESTABELECIMENTOS —
Séde: 31, Rua Fernandes da Fon-
seca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de
S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo San-
to, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Mar-
quês de Alegrete, 36-52

FÁBRICA DE BONETS — Chapeu modelo
Jáurez (Exclusivo)

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos
oferecer uma coleção do semanário anar-
quista «Terra Livre» para ser vendida em
favor de A Batalha. Aquela camarada fixou
o preço de 15\$00.

Algun camarada que deseja adquirir este
interessante semanário pode dirigir-se a
nossa administração.

Ler o Suplemento de A BATALHA

ESTE SEGURÓ IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-
rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedi-
atamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-
SAIS pagos enquanto vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

DOENÇA E INVALIDEZ

4-7-1926

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-
cio, 5 horas.
Cirurgia—operações—Dr. Bernardo Vilar—horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10
horas.
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às
noites.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—
2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—
12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5
horas.
Dentes e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cápsula e óculos—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.
Análises—Dr. Gabriel Beato—4 horas.

Policlínica da Estrela

Rua Domingos Sequeira, J. M., r/c—LISBOA

TELEFONE TRINDADE-202

Doença dos rins e vias urinárias, às 10,30 horas—
Dr. Antunes Prior.
Clínica Cirúrgica—operações, às 16,30 horas—
Dr. Antunes Prior.
Sifilis, pariz e gengiva, às 9,30 horas—
Dr. Carlos Larroudé.
Sifilis e doenças venéreas, às 11 horas—
Dr. Carmo dos Santos.
Clínica médica, coração e pulmões, às 16 horas—
Dr. Gomes Brummon Borges.
Doenças das gravidas, puerperas, útero e anexos—
Dr. José Boite.
Estomago, ligado e intestinos—Dr. da nutrição
(diabetes), gota, obesidade, às 14 h.—Dr. Luiz
Garcia.
Cirurgia geral às 14 h.—Dr. Manuel d'Assumpção.
Doenças da pele e venerologia, às 15,30 horas—
Dr. Caetano Carrapato.
Anâlises clínicas—Vacinas, às 15 horas—Dr. Mar-
ques Mançãs.
Doenças dos olhos, às 9,30 h.—Dr. Sertório Senra
Nunes—Proteze, 12,30 horas—Dr. Virgílio Xavier.
Raio X—Radioterapia, às 10 horas—Dr. Aleu
Saldanha Cruz.
Dermose e mentais—Electroterapia, às 16 h.—
Dr. Luís Pacheco.
Ortopédia—Massagem—Gimnástica médica, as
15 horas—Dr. Salazar Carreira.

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do novo...
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofo-
gue...

O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Laclau Batalha...

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva...

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar...

A Humanidade, por Taraf Javol...

O Abertamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin...

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zucherofer...

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série...

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva...

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas...

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia...

A Filologia perante a História, por Nobre França...

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 33 desta revista

intitulado La Alondra de Angela Grau-
gra—Preço, \$50. — Pedidos à adminis-
tração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo,
por Campos Lima, \$300.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por
Mário Domingues, \$600.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais
indígenas), por Manuel Kopke, \$600.

A' venda nas livrarias e na administração
de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua
dos Poiais de S. Bento, n.º 27—LISBOA.

ANALISES CLÍNICAS

VACINAS

Novo Talho e Salchicharia

Rua Marquês Sá da Bandeira, 26, 28

Com grande abundância de carne de vaca,
vitela, carneiro, porco, toucinho e seus
derivados.

Banco Lisboa & Açores (S. A. R. L.)

CAPITAL: 10.000.000\$00. Dividendo do 1.º semestre

de 1926 (\$600 por ação)

O pagamento deste dividendo, cativo de impostos si aplicação de capitais e das avenças de sélo de averbação e contribuição de registo, efectuar-se há todos os dias úteis, a partir do dia 1 de Julho.

Nas ações nominativas ou averbadas ao portador, o imposto si aplicação de capitais é de \$5. A avença de sélo de averbação que incide sómente si ações «nominativas» é de \$10, e a avença da contribuição de registo que incide sómente si ações ao portador, é de \$35.

Os srs. accionistas devem preencher os recibos pela importância líquida, pagando-se por cada ação nominativa a quantia de esc. \$505 e por cada ação ao portador esc. 480.

Em Lisboa, na sede, rua Areea, 88. No Porto: na filial Avenida das Nações Aliadas. Pelo Banco Lisboa & Açores—Os Directores, (a) R. Peixoto; (a) Manuel de Castro Guimarães (conde de Castro Guimarães).

que, quando partiu de Londres, Raul estava de perfeita saúde...

— Provavelmente, disse a tia, o sr. de Noirmont quis dissimular-nos a verdade. Ninguém gosta de ser portador dum má notícia.

— Mas nada parecia mais sincero do que a extrema surpresa d'elle quando lhe dissemos que Raul estava doente...

— Ora, minha querida, disse a marquesa interrompendo a sobrinha com impaciência, eu bem desejaria duvidar, como vós, de tal realidade... mas, infelizmente, é já impossível a dúvida... Só me consola a ideia da influência que deve exercer no seu espírito, facilitando-lhe a cura, a minha presença, e principalmente a vossa...

— A minha...? interrompeu tristemente Berta. Bem desejaria eu nutritir essa esperança...

— Isso, para vós, não deve ser uma esperança, mas uma certeza...

— Oral...! Meu irmão tem-me tratado sempre com tanta frieza...

— Semelhante censura, minha sobrinha...

— Isto não é uma censura... é a manifestação dum pesar... E demais, nós passámos, Raul e eu, a nossa infância e a nossa primeira mocidade quase como estranhos um ao outro. Ele vivia com meu pai, e eu com minha mãe... e por isso não é para admirar a frieza d'elle para comigo.

— Estais enganada, minha sobrinha, no que cha-

mais, sem razão, a frieza de Raul... Esqueceis por-

venture que, em virtude do seu direito de primogeni-
tura, é ele o chefe da nossa casa desde a morte de
meu irmão? Esta qualidade de chefe da nossa casa

impõe a Raul, nas suas relações convosco e com vosso

irmão Guy, uma reserva, uma gravidade, pode-se

mesmo dizer uma severidade, que se não deve con-

fundir com a frieza, pois que ela é resultante dessa

mesma qualidade, que lhe confere, sobre vós e vosso

pai e vossa mãe. Ele estima-vos a ambos, e até

que, quando partiu de Londres, Raul estava de perfeita saúde...

— Provavelmente, disse a tia, o sr. de Noirmont quis dissimular-nos a verdade. Ninguém gosta de ser portador dum má notícia.

— Mas nada parecia mais sincero do que a extrema

surpresa d'elle quando lhe dissemos que Raul estava

doente...

— Que singular distração a vossa!... Em que es-

tais pensando?... Vamos, falai.

— Penso em meu irmão Raul... Oxalá que se lhe

não agrave a doença por causa do atraso que teve de

sosfer a nossa viagem a Londres! replicou Berta.

— E, passado um momento de silêncio, a jóvem pros-

seguiu:

— Contudo, há uma coisa que eu não comprehendo:

o sr. de Noirmont saiu de Londres dois ou três dias

depois daquele de que estava datada a carta que vos

participava a doença de meu irmão; e o sr. de Noir-

mont ainda há pouco nos afirmava, em Versalhes,

que, quando partiu de Londres, Raul estava de perfeita

saúde...

— Que singular distração a vossa!... Em que es-

tais pensando?... Vamos, falai.

A BATALHA

O exército pode matar muitos homens, mas não consegue destruir uma ideia.



RECORDANDO...

Asneiras bíblicas

Erros perante a ciência; absurdos perante a razão; ridículos perante o mais simples senso comum: eis o que, apesar das contradições apontadas, os livros santos nos oferecem como prova da sua divindade de revelação.

Provemos. A tarefa é fácil, e por vezes divertida.

Logo no primeiro capítulo do *Genésis*, que é por sua vez o primeiro livro do *Bíblia*, diz o cronista, falando das coisas anteriores à criação:

«E o espírito de Deus era levado sobre as águas.»

Era levado é uma forma que indica condução. O espírito de Deus, substância simples e inextensa, era pois, conduzido como um fardo, por alguém que se entretinha a arrastá-lo sobre as águas... mesmo antes da criação.

E quem era esse alguém?

Talvez ele mesmo. O espírito de Deus arrastava-sobre as águas em exercícios de natação. Um espírito que se move, deslocando-se sobre uma substância material!

Olo Metafísica! que torturas te fazem sofrer!...

Então depois o cronista pela história da criação. No primeiro dia, criou Deus a luz. Mas o que é a luz sem uma substância luminosa? A luz é uma propriedade, não é uma substância. O Deus bíblico, todavia, criou a propriedade, antes de criada qualquer substância à qual tal propriedade pertencesse! O que dizes a isto, oh estudantes de física dos nossos liceus?... Ridens vos do cronista e do seu Deus, não é verdade?...

E tendes razão. Todavia aquele Deus bíblico era um intolerável trapalhão. Criou a luz, e deixou-a confundida nas trevas (*sic!*) tendo depois de separar!

Ora, criar a luz sem qualquer substância luminosa, já era um absurdo bem taludo; mas criar luz e deixá-la todavia indistinta nas trevas, eis o que só na cabeceira do Deus bíblico e na cónica cachimónia do seu cronista inspirado podia ser concebido.

No dia seguinte àquele em que Deus fez a luz e a separou das trevas, fez Deus o firmamento. Não obstante não haver hoje estudantinhos de geografia que não saiba que o firmamento, o suposto *férme* dos antigos, não tem existência real: é uma ilusão de óptica que, pela justa posição das camadas atmosféricas, nos cria à vista essa abóbada azul por onde o sol passa triunfante; e é uma ilusão de óptica que, de noite, nivelando as distâncias infinitas que as separam, e que a nossa vista desarma, é impotente para apreender, nos faz parecer todas as estrelas fixadas num céu negro. O telescópio, porém, põe termo à ilusão do firmamento, apanhando o cronista bíblico no erro crasso de fazer o seu Deus criador, diuina mera fantasmagoria, e gastando nessa obra mesmista o segundo dia da criação.

No versículo 11 do capítulo I do *Genésis*, já a terra produziu herbas e árvores, a-pesar-de só nos versículos 14-18 Deus criar o sol, sem etja acção benéfica a terra não produz vegetação alguma! Verdade seja que, maravilha melhor ainda, já no primeiro dia da criação fizera a luz e só agora é que o sol e a lua apareceram...

Nesse mesmo capítulo, fala-nos o cronista nas catáras do céu e nas águas que Deus divide, para cima e para baixo (*sic!*) do firmamento, reincidindo no erro proto-maior de supor o firmamento qual uma esfera de cristal, acima da qual pudesssem haver reservatórios de água. O Deus, que tais sandices inspirava, ignorava que no universo não existe para baixo nem para cima; que isso são meras expressões relativas à nossa posição respectiva no globo que ocupamos, seu valor absolutamente nenhum ante o espaço infinito povoado de mundos, mas ignorava que as chuvas não provém de reservatórios celestes (as tais catáras), mas são só da condensação das águas evaporadas e forçadas por essa mesma condensação a regressar à sua origem. E tanto ignorava isto o tal Deus revelador, que, mais do que diano, ao tratar-se do dilúvio, ia volta a falar das catáras do céu, dizendo que estas se romperam para que as águas caíssem sobre a terra.

Heliódoro SALGADO

SOLIDARIEDADE

A festa a favor de Aníbal Castanheira que se devia realizar hoje no Salão da Construção Civil tica transferida para o próximo domingo 11.

Comité Pró-Presos por Questões Sociais

Recebemos 431\$80 duma quete aberta na obra das encomendas postais.

Pró-familias de Cristovam da Silva Pinheiro e José dos Santos Azevedo

A festa que ontem devia realizar-se em benefício das famílias de Cristovam da Silva Pinheiro e José dos Santos Azevedo, por motivos imprevistos fica adiada para o próximo dia 10 do corrente. Rogam-se a todos os camaradas que possuem bilhetes que venham liquidar as respectivas importâncias até ao dia 9 do corrente, das 20 às 23 horas, em todos os dias utéis, na sede do Núcleo das Juventudes Sindicalistas.

Pró-família de José Barbosa e Caeiro da Rocha

O S. U. da Construção Civil do Porto, ultimamente reunido em assembleia geral, resolveu atender à situação miserável que atravessam a companheira e filhos de José Barbosa, minorar a situação de Coelho da Rocha, promovendo para esse efeito subsídios entre os componentes da indústria.

Asilo Escola António Feliciano de Castilho

Realiza-se no próximo domingo, no salão de festas do benemerito Asilo Escola de Cegos António Feliciano de Castilho, uma festa de arte que promete ser encantadora.

O programa está sendo organizado com todo o cuidado e podemos já noticiar que a sr. D. Emilia de Sousa Costa, consagrada escritora, fará uma interessante palestra sobre educação infantil.

Os bilhetes podem desde já ser adquiridos na Secretaria do Asilo e poder ser marcados pelo telefone Norte 612.

Aos nossos assinantes

Prevenimos os nossos estimáveis assinantes que estamos procedendo à cobrança dos seus recibos referente ao mês de Julho, visto o seu pagamento dever ser feito adiantadamente.

Agradece o bom acolhimento a ADMINISTRAÇÃO.

CARTA DE COIMBRA

O comissário de polícia comete uma violência que provoca fortes protestos da população

COIMBRA, 2. - Hoje, pelas 11 horas, deu-se nesta cidade um facto que fez vibrar de indignação todos que dele tiveram conhecimento, facto bem demonstrativo do desprisco que as autoridades votam às regalias e prerrogativas consignadas à população e que se estão estatuidas em leis: isso se deve a lutas seculares, em que correu sempre o generoso sangue do povo.

A ocorrência de hoje calou fundo no sentimento da população, que vê com justificado alarme as autoridades arrogarem-se poderes discricionários, o que a leva a encarar cada vez com maior desconfiança a invasão militar nas atribuições até aqui exercidas por cívicos.

Relatemos o caso:

No Largo Sá de Miranda, n.º 20 e 21 habita Hermínia Mendes Cunha, que sublocou o rei do chão a Deolinda Pereira. Tanto a sobre-aluga como a sublocatária dão na sua residência comida a estudantes. Parece que por esse facto a sobre-aluga não via com bons olhos a sublocatária, pretendendo levá-la a abandonar a casa, a que esta sempre se opôs.

Não sabemos que proteção misteriosa a Hermínia Mendes gosa junto do comissário da polícia, porque conseguiu que a Deolinda fosse intimada a despejar a casa no prazo de 15 dias.

Claro que a mulher não acatou essa ordem, que só poderia ser emanada do poder judicial, e mesmo assim com razões fundamentadas.

O caso é que o comissário, em vista da altitude muito lógica da inquilina, ordenou hoje a três polícias que procedessem ao despejo imediato da casa.

Os guardas, que são os n.º 100, 108 e 111, aproveitaram a oportunidade da mulher não estar em casa e transportaram todo o mobiliário para o meio da rua, entre os protestos de alguma vizinhança que estava presente.

A pobre mulher, ao regressar a casa, vendo-se ferida nos seus direitos, protesta indignadamente contra o vandalismo, o que lhe valeu ser presa e arrastada brutalmente pelos guardas, que nem sequer tiveram consideração por uma criancinha de peito que a mulher trazia ao colo.

Os guardas, prosseguindo na sua sanha perseguidora, prenderam também o estudante de Direito sr. Narciso Pereira, por este ter tido o desassombro de protestar contra a violência que se estava praticando.

Como estas escenas fizessem juntar muita gente, os protestos surgiram cada vez maiores, e a multidão, num gesto espontâneo, numa solidariedade comovedora — estudantes e populares — resolveu repôr todo o mobiliário dentro de casa, reparando assim uma violência injustificável.

Os polícias, em face da altitude energética da multidão, retiraram, prudentemente, com o que evitaram uma colisão que se tornaria inevitável.

Na altura em que o povo punha em prática este acto, o quintanista de Direito sr. António Batote assumiu perante a polícia todas as responsabilidades daquele gesto popular, que considera absolutamente legal, pois quem estava procedendo ilegalmente era o sr. comissário.

Uma comissão de moradores do largo Sá de Miranda avistou-se imediatamente com o governador civil para pedir provisões e reclamar a soltura dos dois preos, tendo aquele dito que ia providenciar imediatamente.

Não será importuno perguntar: quem indemnizará a Deolinda Pereira dos prejuízos sofridos que foram bastantes? — C.

O aumento das pensões de sangue

O sr. Francisco Joaquim dos Reis escreve-nos uma carta, acerca do aumento ultimamente concedido às pensões de sangue. Alega o sr. Reis, cunhado do *chauffeur* Carlos Gentil, que pela lei publicada regulando a concessão de pensões de sangue, foram de uma forma extraordinária elevadas as pensões às famílias das vítimas «da noite sangrenta», aumentos que atingem em alguns casos o quintuplo da pensão inicial; contudo aos filhos e irmãos do *chauffeur* Carlos Jorge Gentil, na mesma noite também assassinado, nem mais um centavo lhes é abonado naturalmente porque talvez seja considerada suficiente a importância de 53\$33 mensais que cada uma dessas pessoas recebe.

O sr. Reis não considera equitativo o critério posto em prática e apela, é próprio, para os poderes públicos para que seja feita a devida justiça aos pensionistas do *chauffeur* Gentil.

Jardim-Escola João de Deus

Como temos noticiado, realiza-se hoje no Salão do Museu João de Deus, à Estréla, defronte do Liceu de Pedro Nunes, um rei que promete ser interessantíssimo atendendo ao excelente programa que a Direcção conseguiu organizar com o generoso concurso de distintos artistas e de pessoas amigas da benemerita instituição.

Poderão ser admirados os trabalhos de pintura a óleo, aguarela, miniatura, gravura, desenho, escultura, vitrais e azulejos artísticos, expostos no mesmo Salão.

Foram ultimamente adquiridos para o Museu de Goa as seguintes obras: «cabeça de mulher», tela soberba do grande mestre Coimbrão; «Santaana», lindíssimo vitral de Ricardo León e «Lobo do Mar», excelente quadro de azulejos de Jorge Colaço.

Os bilhetes podem desde já ser adquiridos na Secretaria do Asilo e poder ser marcados pelo telefone Norte 612.

Eshôco biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Um senhorio que recorre a um "truc" desonesto para esbulhar uma inquilina

Do sr. dr. Carlos de Mendonça recebemos a carta que gostosamente passamos a publicar:

Sr. director de «A Batalha». — Ao jornal V., vibrante defensor dos explodidos, venho narrar um caso de inquilinato sucedido em 30 de Junho passado para que outros inquilinos do mesmo senhorio tomem as devidas cautelas.

Esse ódio acendrado, que assumiu formas ainda mais repulsivas por causa do desconhecimento da verdadeira actividade de Bakunine (a correspondência íntima de Marx e Engels demonstra-o) que se evidenciou pela difusão de calúnias, por manobras administrativas e golpes de mão, dois Marx, por assim dizer, tinha em Londres toda engrenagem governamental para Internacional: um partido político local peneirano, e toda a sorte de agentes, desde N. Utin a P. Lafague o secundaram essa obra.

O ponto culminante da intriga constituiu o congresso da Internacional da Haia (setembro de 1872), cuja maioria foi por tal forma preparada com toda a espécie de manobras, que não só exclui Bakunine da Internacional, como se deu a insulto pesadamente mediante uma maquinaria infame, ardida em primeiro lugar por Marx. Todos estes sucessos têm sido de tal modo investigados em seus detalhes e divulgados que hoje é possível pronunciar uma opinião decisiva que recat vergonhosamente sobre Marx e Engels.

Esse comportamento autoritário, pelo qual a essência da Internacional devia ser transformada na conferência de Londres de 1871 e no congresso da Haia de 1872, só teve por consequência a agrupação das secções e federações anti-autoritárias, cujo inicio foi resposta à círculo do jura de Novembro de 1871, continuada pela declaração da minoria no congresso da Haia e pelo congresso de Saint Imier (ura hermés, Setembro de 1872) e concluída pela reorganização da Internacional no congresso de setembro de 1873, enquanto que a organização da tendência autoritária falhou miseravelmente.

Bakunine viveu essa vitória da tendência libertária, cujos efeitos foram, é certo, temporariamente reduzidos pela reacção geral que se seguiu à derrota da Comuna de Paris; porém, criou-se a conexão espiritual daquela, se mancomunou com o senhorio fazendo-lhe este, arrendamento da mesma casa; D. Laura tudo ignorava e continuou, como ficou dito, a pagar as rendas ao senhorio.

E' a seguir a explicação do facto: D. Laura Leitão surpreendida com a visita de um oficial de justiça e mais autoridades que procederam ao despejo da sua casa sem jamais elas ter sido citada para qualquer ação.

E' a seguir a explicação do facto: D. Laura Leitão tinha um hóspede de nome Armando Maria Cardoso que, em Junho de 1925, estava em vigor o arrendamento daquela, se mancomunou com o senhorio fazendo-lhe este, arrendamento da mesma casa; D. Laura tudo ignorava e continuou, como ficou dito, a pagar as rendas ao senhorio.

Em certa altura Armando Maria Cardoso, de gorra com o senhorio, aproveitando-se da ausência de D. Laura, colocou escritos nas janelas da casa, facto que foi constatado por uma autoridade judicial, que lavrou o respectivo auto de constatação, findo o qual os escritos voltaram a desaparecer. Preparado assim o salto veio depois a acção de despejo contra o falso inquilino Armando Maria, que a não contestou, e da qual resultou o despejo agora efectuado.

A singela narração dos factos dispensa comentários e demonstra que são sempre poucas as restrições ao direito dos proprietários.

E' conveniente saber-se que o senhorio em questão é filho do opulento comerciante José Domingos Barreiro. Dá esparrancas: é caso para dar os parabens ao pai.

O juiz competente foram pedidas as necessárias providências, mas entretanto útil será que v. se digne fazer qualquer referência ao facto.

— De v. etc., etc., Carlos de Mendonça.

Este caso revela bem a falta de carácter do senhorio e do suposto inquilino. Tão pulha é um como o outro, com agravante de serem considerados ambos dois homens de bem, por pessoas de moral acomodatícia. E' claro que ao filho de José Domingos Barreiro estas palavras não fazem mossa, porque a sua moral é de dinheiro — do dinheiro que se adquire não importa como.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percoba ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio desta para encadernação, à administração de A Batalha.

Comité pró-presos por questões sociais

Refine-se amanhã, pelas 21 horas, para tratar de situação financeira do mesmo.

Ocorrências diversas

Na enfermaria infantil do Hospital Estrela, ao Régua, onde habitam várias famílias pobres, andam alguns operários trabalhando na abertura de um poço. Ontem, à tarde, a meia do referido poço, um dêis, cuja identidade ainda se ignora, quando preparava um tiro com pôlvora, este explodiu inesperadamente, e o infeliz operário, que não teve tempo de fugir, sufocado pelo fumo, caiu ao fundo.

Em socorro destes acudiu o marinheiro artilheiro 4401, de bordo do torpedeiro Sagres, de 22 anos, natural de Oliveira de Azeméis e residente na mesma quinta, o qual ainda desceu por uma escada, mas, a certa altura do poço, sufocado também pelo fumo, teve a mesma sorte do primeiro. Acorreram então várias pessoas e a polícia, sendo os dois tirados dali pelos círculos 814 e 1596 coadjuvados por vários populares. Entre tanto eram reclamados socorros para a Cruz Vermelha e Bombeiros Municipais, tendo ali ido vários material e pessoal destas corporações e sendo os feridos transportados ao Hospital de São José, onde o primeiro chegou já cadáver, pelo cirurgião de serviço ao Banco, dr. Alberto Mac Brid, foi removido para a Morgue. O marinheiro, que apresenta vários contusões pelo corpo e ferimentos na cabeça, recolheu sem fala à sala de observações.

— No Banco do Hospital de São José, refeu cur